

## RESENHA

### **La crise financière et monétaire mondiale – endettement, spéculation, austérité<sup>1</sup>**

por Rosa Maria Marques

Este pequeno livro de bolso de Louis Gill, economista canadense, é uma importante contribuição para se entender, em detalhes, a partir de uma perspectiva marxista, a origem e os desdobramentos da crise atual do capitalismo. Além de bem escrito, está redigido de maneira didática, o que permite sua apreciação mesmo para aqueles não iniciados no jargão dos economistas. A facilidade de sua leitura é dada pela preocupação em definir, ao longo do texto, os termos utilizados, mas também pela presença de um glossário ao final da obra.

O livro está dividido em três capítulos: 1 - Do salvamento dos bancos pelos Estados à pilhagem dos Estados e dos povos pelos bancos ; 2 - Moeda, crédito, liquidez e solvência ; 3 - Uma dimensão chave da crise : o impasse monetário internacional. É ainda composto por uma excelente introdução e uma conclusão.

O primeiro capítulo (o mais longo do livro), tal como indica seu título, tem como objetivo analisar como as políticas de salvamento dos bancos realizadas pelos Estados tornaram esses mesmos bancos credores dos Estados que os salvaram - o que remete à ilegitimidade das dívidas que assolam os países, principalmente a Grécia, a Espanha, a Irlanda, entre outros. Para poder desvendar esse « mistério », Gill descreve ao leitor as medidas e os mecanismos que permitiram que se desenvolvesse, nas últimas décadas, uma enorme massa de capital fictício sem nenhuma relação com a produção, "livre para se deslocar no espaço planetário em função de suas necessidades de valorização" (p. 29), da qual a *subprime* é apenas um entre os diversos produtos financeiros que compõem a finança hipertrofiada do capitalismo contemporâneo. Desnecessário dizer que as inovações financeiras que sustentaram essa hipertrofia, as operações de salvamento e a transformação da crise privada (dos bancos) em crise da dívida pública são explicadas em detalhes pelo autor e, mais uma vez, de forma compreensível para todos, sem reduzir o rigor metodológico e científico da análise. A menção ao pronunciamento de um banqueiro inglês, após a criação do Fundo Europeu de Estabilização Financeira, em 2010, ilustra o que está pós trás da crise da dívida dos países europeus: "é mais fácil vender um plano dizendo que ele deve servir à Grécia, Espanha e Portugal, do que confessar que ele deve salvar e ajudar os bancos" (p. 17). Contudo, apesar de todo o esforço em ocultar a verdadeira natureza dessa dívida, setores crescentes das populações dos países afetados têm ido às ruas se manifestar contra os cortes orçamentários (principalmente na esfera das políticas sociais), a redução de salários e o desemprego, afirmando que a dívida não é deles.

Ainda no primeiro capítulo, o leitor toma conhecimento que "o mundo da finança, que foi a origem da crise, ... está hoje mais forte que antes da crise, mais concentrado e maior, mais capaz de impor seus ditames, de exercer sua chantagem e de tomar decisões (na busca por lucros cada vez mais elevados) que correm o risco de nos levar a uma nova crise" (p.

---

<sup>1</sup> GILL, Louis. *La crise financière et monétaire mondiale – endettement, spéculation, austérité*. Quebec, Collection Mobilisations, 2010, 2ª édition, actualisée, revue et augmentée, 171 páginas.

52). Em junho de 2011, "o montante de transações mundiais de produtos derivados que escapam aos mercados organizados e a todo controle, ... [equivalia a] 11 vezes o Produto Bruto Mundial" (p. 150). Em particular para o leitor brasileiro, a leitura desse capítulo permite entender a origem e a motivação da entrada maciça de capitais estrangeiros especulativos (investimento em carteira e derivativo) que o país tem visto nos últimos anos, que fragilizam sua economia frente a um recrudescimento da crise mundial.

No segundo capítulo, Gill trata dos mecanismos que dispõem os bancos de multiplicarem a moeda, das normas que teoricamente regem essa prerrogativa, da hipertrofia da finança e da fragilidade sistêmica derivada dessa hipertrofia. Os dados que o autor apresenta do crescimento monstruoso da finança são estarrecedores. Para ilustrar, citemos apenas um: "a parte do setor de serviços financeiros nos lucros totais das empresas nos Estados Unidos passou de 10%, no início dos anos 1980, para 40%, em 2007" (p. 109). No terceiro e último capítulo - Uma dimensão chave da crise: o impasse monetário internacional -, Gill discute a instabilidade crônica que está colocada no mundo pelo fato de inexistir uma moeda universal, que não pode ser preenchido pelo dólar e nem pelo yuan.

Finalmente, na conclusão, o autor introduz questões que estavam subjacentes em outras partes do livro. Exemplo disso é o reconhecimento de que os bancos que foram « salvos » pela ação do Estado eram muito grandes para irem à falência (tal a repercussão que isso teria sobre a economia nacional e internacional) deveria ser acompanhado pela sua nacionalização e não por uma operação que resultasse no restabelecimento de sua rentabilidade (e no endividamento do Estado). Para justificar essa proposta, Gill retoma o que é dito por Marx, sobre a contradição crescente no capitalismo entre a propriedade privada e a socialização da produção. Dessa questão, mas não somente por isso, decorre o entendimento de que as dívidas públicas originadas pelas operações de salvamento são absolutamente ilegítimas.

Ainda na conclusão, Gill afirma que:

Seria um erro ver a crise atual como uma crise da fase neoliberal do capitalismo ou de sua forma « financeirizada », que poderia ser superada por um saudável retorno a um capitalismo civilizado, purgado de seus recentes excessos. Trata-se, ao contrário, de uma crise dos fundamentos do capitalismo e de sua capacidade de realizar a rentabilidade essencial a sua única finalidade (que é a acumulação sem limite do capital) independentemente de suas consequências sobre a destruição do meio de vida e sobrevivência da humanidade. (p. 155).

É uma pena que Gill não desenvolveu essa afirmação nos capítulos anteriores e tampouco mostrou a articulação entre a crise atual e a tendência do capitalismo à superprodução e a superacumulação do capital (p. 85), tal como o fez em outros momentos. Isso teria dado mais densidade e profundidade ao seu argumento, não restando dúvidas de que não se trata de "controlar" uma parte do capital que saiu do "bom caminho", e sim, que a hipertrofia do capital fictício decorre da própria lógica do capital na busca de lucros crescentes. Essa ausência, contudo, não diminui a importância de seu livro. Seu trabalho de desvendamento dos mecanismos que propiciaram o desenvolvimento hipertrofiado da finança, de suas consequências e da transmutação das dívidas privadas em públicas justifica a leitura obrigatória de *La crise financière et monétaire mondiale – endettement, spéculation, austerité*.